Lara Ramos Alves

Thriller psicológico e sensorial

NO AZUL QUE NADA DEVOLVE

FICÇÃO · ROMANCE

Se tens medo do mar, fecha este livro.
Se não tens… talvez passes a ter.

O SOM DA DESCIDA

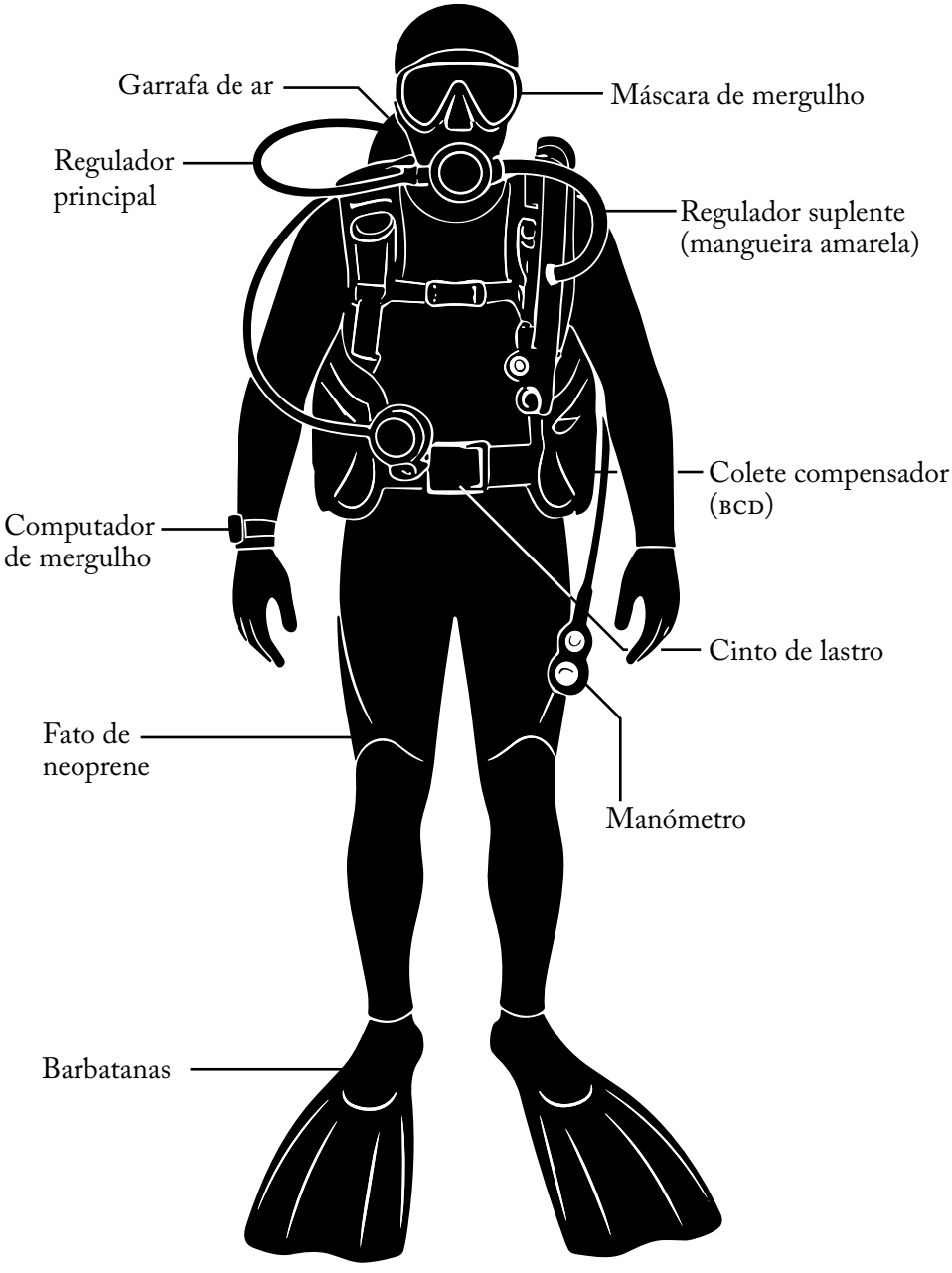
Algumas destas músicas acompanharam-me enquanto escrevia.

Outras chegaram depois e pareciam já conhecer a história.

Reuni-as na *playlist* «No azul que nada devolve» no Spotify.

Lê em silêncio. Ou ouve-as bem alto, até deixares de saber onde acaba a música e começam as palavras dentro da tua cabeça.

Bem-vindo ao teu primeiro thriller *sensorial.*


Garrafa de ar
Máscara de mergulho
Regulador principal
Regulador suplente (mangueira amarela)
Colete compensador (BCD)
Computador de mergulho
Cinto de lastro
Fato de neoprene
Manómetro
Barbatanas

#1

O mar de Bali tinha uma maneira muito própria de dar as boas-vindas a quem se atrevia a entrar nele, como se primeiro observasse, depois respirasse fundo e só então permitisse a passagem. Daniela deixou-se cair devagar na água quente, sentindo-a fechar-se à volta do corpo num abraço maternal. O mundo à superfície, repleto de barulho, confusão e saudade, dissolveu-se assim que a máscara tocou o azul.

Submergiu.

E o silêncio acolheu-a.

Não era um silêncio vazio. Era denso, pulsante e táctil. A primeira vez que o sentira fora com David, numa pequena enseada das Berlengas, quando ele lhe explicara, com aquela paciência terna, que debaixo de água não havia lugar para ruídos inúteis. «Aqui só fica o essencial», dissera-lhe a sorrir. Agora, dois anos depois do seu desaparecimento, Daniela percebia finalmente o significado daquelas palavras. Ali, suspensa no azul, o peito deixava de arder e havia esperança.

Desceu devagar, equalizando. A luz filtrada do sol ondulava acima dela, quente, dourada, instável. O azul moldava-se em camadas, ora claro, ora profundo, como se o mar respirasse ao ritmo do seu próprio movimento. Bali, com as suas crenças, lendas e templos que ofereciam bênçãos ao oceano, era conhecida como uma porta entre mundos e, ali, escondida na vastidão líquida, a fronteira parecia real.

À medida que se aproximava do recife, a paisagem tornava-se mais viva. O azul deixava de ser apenas azul: fragmentava-se em verdes, violetas e laranjas. Um cardume de peixes-donzela abriu espaço com a elegância de um gesto coreografado. Peixes-borboleta cruzaram-lhe a vista como faíscas breves. Mais fundo, peixes-papagaio trituravam coral com aquele som seco que só quem passa tempo suficiente debaixo de água aprende a reconhecer.

Daniela fechou os olhos por um instante, deixou a mão deslizar pela água e pensou nele: em David.

David tinha passado meses naquele recife. Conhecia cada curva da parede de coral, cada gruta minúscula escondida na escuridão azulada. E ela conhecia aquele lugar através dele. Vira e revira todas as filmagens que ele lhe enviara, procurara pistas sobre o seu paradeiro, mas também procurara uma forma de o manter vivo com ela.

Quando voltou a abrir os olhos, entre rochas, corais e sombras, algo brilhou.

Azul-elétrico. Laranja-vivo.

Os preferidos dele.

Um peixe-mandarim. Depois outro…

Criaturas tímidas, quase secretas, de cores tão impossíveis que pareciam pintadas. Era o tipo de beleza que nos fazia duvidar da realidade. Ele costumava dizer-lhe que eram peixinhos apaixonados: «aparecem ao pôr do sol como quem chega a um encontro secreto».

Daniela nunca os tinha visto ao vivo até àquele dia.

Um deles surgiu à esquerda, ousado e cintilante. Parou, quase cara a cara com ela, como se a estudasse. Daniela encontrou o seu olhar redondo, curioso.

E tu, pequenino, pensou, *sabes onde está o David?*

Estendeu a mão, na tentativa quase infantil, e inevitavelmente frustrada, de lhe tocar. O peixe recuou num movimento brusco, escondendo-se no coral, deixando apenas um olho espreitar. Daniela sorriu, um sorriso breve e triste, e imaginou o quanto teria gostado que David também lhe tivesse deixado «um olho de fora», uma pista mínima, qualquer coisa que a guiasse até ele.

Afastou-se devagar, deixando os mandarins em paz.

Uns metros adiante, o recife respirava. Corais em leque ondulavam; esponjas erguiam-se em torres encurvadas, tingidas de vermelho-escuro; anémonas agitavam tentáculos translúcidos com um ritmo lento e hipnótico. Pequenos cavalos-marinhos, quase invisíveis, balançavam entre corais rosa e uma nuvem de peixes-anjo juvenis escondia-se em ramos de coral azul.

Tudo vibrante de vida.

Ali, naquele silêncio absoluto, o desaparecimento dele já não parecia uma ferida aberta, apenas uma pergunta à espera de resposta. A demanda que a trouxera a Bali.

Uma sombra moveu-se no limite da sua visão. Kadek aproximou-se e fez-lhe sinal para iniciar a subida.

Daniela demorou alguns segundos a responder. Por detrás da máscara, Kadek observava-a com os olhos escuros e tranquilos. Era baixo, de corpo compacto e rosto redondo, com a pele morena curtida pelo sol e pelo sal. O cabelo preto e liso escapava por baixo da tira da máscara e ondulava ao sabor da corrente. Debaixo de água, movia-se com uma segurança instintiva, sem um gesto a mais. Kadek não parecia apenas mover-se dentro do mar. Parecia pertencer-lhe.

Daniela não queria sair dali.

Não queria que o barulho do mundo a alcançasse.

Mas obedeceu.

A luz intensificou-se até se tornar branca, agressiva, e a superfície abriu-se numa explosão de chuva torrencial. O céu, que minutos antes parecia calmo, rompia agora em água pesada, quente e violenta. O barco balançava como um brinquedo frágil. O vento empurrava cortinas de água em todas as direções, e as nuvens pesadas escureciam rapidamente o céu. Kadek ajudou-a a subir pela escada metálica, escorregadia com a chuva.

Assim que se sentou no banco lateral, a chuva quente batia-lhe no rosto como milhares de pequenas agulhas.

– Kadek… porque é que subimos? – perguntou, ainda ofegante do mergulho e da súbita violência do tempo.

Kadek sorriu-lhe por detrás da máscara pousada no pescoço, passando uma mão pelo cabelo molhado enquanto, com a outra, apontava para o computador de mergulho dela e, depois, para o céu.

– Uma hora lá em baixo, *Ibu* Daniela. – Usava sempre *Ibu*, o termo respeitoso para «senhora». – Hoje termina aqui. E o mar quer falar connosco amanhã, não hoje.

Ela franziu o sobrolho e olhou imediatamente para o computador no pulso, iluminado por pingos de chuva.

O visor confirmou: cinquenta e sete minutos submersa.

– Nem dei por isso… – murmurou, admirada.

Não acontecia quase nunca. O tempo não costumava enganá-la.

Só ali. No azul.

– Eu pensei que talvez… – hesitou – pudéssemos ver a plantação de corais hoje. E o recife artificial do projeto do David.

Kadek abanou a cabeça, apontando para o céu carregado e para as ondas elevadas que começavam a formar-se.

– Amanhã, *Ibu*. Amanhã o mar deixa. – Fez uma pausa, pousou-lhe a mão no ombro com uma gentileza quase protetora. – Por hoje, terminamos.

Daniela respirou fundo, deixando o olhar perder-se entre a chuva, os contornos escuros da selva ao fundo e os longos arrozais que brilhavam como espelhos verdes sob o temporal. O vento aumentou e a selva, lá longe, estremecia sob a chuva tropical. O cheiro a folhas molhadas, a café recém-torrado e a terra quente subiu do vale como uma respiração da própria ilha.

Dentro dela, o silêncio do mergulho ainda ecoava.

Um silêncio que dizia que ele podia estar algures.

Ali.

Numa sombra qualquer.

#2

A segunda-feira amanheceu pesada e abafada. A chuva da tarde anterior deixara no ar um cheiro doce a terra molhada, flores de frangipani esmagadas no chão e madeira húmida. A humidade colava-se à pele de Daniela desde o momento em que saiu do hotel. Havia algo na atmosfera que lhe provocava uma sensação difícil de explicar, como se Bali soubesse mais do que ela.

A esquadra da polícia em Denpasar era pequena, com paredes amarelas gastas e ventoinhas que rodavam devagar no teto, quase a desistir. Uma bandeira vermelha e branca, desbotada pelo sol tropical, erguia-se numa preguiça patriótica no pátio interior. O calor dentro do edifício era espesso, preguiçoso, e Daniela sentiu um peso familiar no estômago: o tipo de peso que antecede notícias que nunca se quer ouvir.

Respirou fundo antes de entrar.

O coração batia rápido, como depois de um mergulho demasiado profundo, a pedir superfície.

No balcão, um polícia balinês de meia-idade levantou o olhar quando Daniela se aproximou. Os olhos eram gentis, mas carregavam a resignação burocrática típica de quem lida diariamente com perguntas sem respostas.

– *Selamat pagi*. Posso ajudar? – perguntou em inglês.

Daniela engoliu em seco e endireitou os ombros. Mostrou o seu passaporte e a documentação obtida na embaixada.

– Venho buscar os pertences do meu marido. – Fez uma pausa. – David Neves. Desapareceu em abril de 2020… durante a pandemia de covid-19.

As palavras em inglês saíram mais baixas do que pretendia.

– Sou a esposa.

O polícia assentiu devagar. Não houve surpresa. Apenas reconhecimento. Talvez aquela história fosse apenas uma entre as de muitos desaparecimentos que a ilha guardava nas suas margens.

– Sim, *Ibu*. Um momento.

Desapareceu por uma porta lateral. O silêncio do átrio ampliou a ausência de David. Até as ventoinhas pareciam abrandar por respeito.

Quando voltou, não trouxe respostas – trouxe peso.

Duas caixas de cartão castanho, reforçadas com fita-cola cinzenta. E duas malas de viagem gastas, uma azul-escura e outra preta, ambas com pó acumulado nas rodas.

Colocou tudo junto à porta com cuidado.

– Estes são todos os pertences pessoais do seu marido que ficaram à nossa guarda. – Apontou para as caixas. Hesitou antes de acrescentar: – Nada foi removido desde 2020. Foi guardado como estava. – O agente olhou-a nos olhos e continuou: – Os meus pêsames. Para nós, a morte não é uma ausência. É uma passagem. Às vezes… as pessoas que perdemos continuam a caminhar connosco. Aqui chamamos-lhes *penunggu,* os que vigiam.

A palavra ficou suspensa no ar. Daniela sentiu um arrepio atravessar-lhe a pele, algo invisível a entrar na sala.

Agradeceu num fio de voz.

Saiu com a ajuda de um funcionário jovem que a acompanhou até ao táxi. As caixas eram surpreendentemente pesadas. No caminho de volta ao hotel, o trânsito de Bali fluía num caos coreografado: motas que serpenteavam entre carrinhas de turistas, vendedores ambulantes sob toldos improvisados, templos adornados com oferendas frescas – cestos de folhas de palma com flores amarelas e laranja, incenso e arroz. Daniela observava tudo através do vidro enevoado.

Mas não via a ilha.

Só via as malas.

As caixas.

E o nome dele em cada uma delas, escrito a marcador preto.

Fechou a porta do quarto de hotel atrás de si e a quietude tomou conta do espaço. O ar condicionado exalava um frio artificial e